

Promoção da humanidade futura: Enhancement

Promotion of future humanity: Enhancement
Promoción de la humanidad futura: Enhancement

Hubert Lepargneur*

RESUMO: A bioética evolui para abraçar o campo da promoção artificial da evolução humana que já produziu notável quantidade de artigos, livros e alguns congressos. Este artigo evoca posições e perspectivas que parecem dominar atualmente esse novo campo. Formalmente, trata-se de um setor que interessa tanto filósofos, biólogos e bioeticistas, ultrapassando nitidamente o setor tradicionalmente atribuído à medicina. É previsível uma forte resistência e até oposição por parte da Igreja cristã, do catolicismo em geral, pelo menos em alguns assuntos. A palavra-chave que abrange hoje internacionalmente esta área é “enhancement”, que significa prolongação artificial das funções geralmente tidas como próprias de nossa natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Enhancement. Natureza humana. Antropotecnologia.

ABSTRACT: Bioethics evolves and now encompasses the field of artificial promotion of human evolution, which already produced a sizable quantity of papers, books and some congresses. This article evokes positions and perspectives that seem to predominate now in this new field. Formally it is a field that interests philosophers, biologists and bioethicists, going clearly beyond what is traditionally attributed to medicine. It is predictable that it finds a strong resistance and even opposition by part of the Christian Church, of Catholicism in general, at least in some aspects. The keyword that includes today internationally this area is “enhancement”, which means artificial extension of functions generally considered typical of our nature.

KEYWORDS: Enhancement. Human nature. Anthropotechnology.

RESUMEN: La bioética evoluciona para abarcar el campo de la promoción artificial de la evolución humana que ya ha producido una notable cantidad de artículos, libros y algunos congresos. Este artículo evoca posiciones y perspectivas que parecen dominar hoy este nuevo campo. En términos formales, estamos delante de un sector que interesa tanto filósofos como biólogos y bioeticistas, sobrepasando con nitidez el sector tradicionalmente atribuido a la medicina. La palabra clave que hoy abarca de modo intencional esa área es “Enhancement”, que significa prolongación artificial de las funciones en general consideradas propias de nuestra naturaleza.

PALABRAS-LLAVE: Enhancement. Naturaleza humana. Antropotecnología.

DA MEDICINA AO ENHANCEMENT

O critério básico da medicina é ora naturalista ora valorativo. A medicina trata tradicionalmente a patologia humana como certa falta de consistência normal, “natural” do ser humano. Existe, de fato, uma disputa atual entre duas escolas para definir a doença a ser tratada, escolas cuja oposição talvez foi exagerada. Uma posição, chamada de “conservadora”, como o “naturalismo” de Boorse¹, para quem o objeto de tratamento diz respeito à doença como patologia, isto é, desregulamento da natureza humana. Seu interesse seria de exprimir uma pretendida neutralidade quanto aos valores. Refere-se, na prática, ao conceito de normalidade que caracterizaria nossa natureza, muito invocada na perspectiva católica tradicional. Mas a partir dos estudos de Georges Canguilhem², a questão da normalidade natural está contestada como referência uniforme e fixa.

A outra concepção do terreno médico refere-se ao valor: todas as patologias não são carregadas de consideráveis valores negativos (envolvem uma avaliação subjetiva) e por isso não justificam um tratamento médico. No entanto, certas pessoas evocam o domínio dos valores (estéticos ou fisiológicos mais do que éticos) para fazer apelo à intervenção médica ou cirúrgica, tais como operações plásticas, reconstrutoras ou estéticas. Estamos aí no campo típico do *enhancement*, ou melhoria de nosso ser psicofísico, o que evidencia um nítido prolongamento, mais do que uma ruptura, com a medicina tradicional.

Reparamos que os vocábulos como natureza ou valor (subjetivo, socialmente aceitado ou estatisticamente medido) nem sempre têm exatamente o mesmo sentido e alcance de um autor a outro: a tipologia do *enhancement* ainda está flutuante. Assim, a teoria da natureza que intuimos em F. Fukuyama³ ou L. Kass⁴ poderia se chamar “teoria objetiva” da saúde, qualificação geralmente atribuída à

* Religioso Camiliano. Graduado em Filosofia e Teologia. Doutor em Direito em Paris.

percepção do “funcionamento normal da espécie”, defendida por C. Boorse ou N. Daniels⁵. De qualquer maneira, normalmente curativa, isto é, terapêutica, a medicina se faz preventiva com a vacinação. A chave da ambiguidade talvez esteja na obra do médico e filósofo já mencionado, G. Canguilhem, que apontou, no meio do século XX, a inexistência de um modelo típico e uniforme da natureza humana, invalidando a “*restitutio ad integrum*” como a atuação decisiva do médico: a própria natureza é caprichosa e nem sempre para o melhor. O caráter quase sagrado da natureza foi em destaque, notadamente, pelo pastor congregacionista Timothy Dwight (1752-1817), fundador da Universidade de Yale, que lutou contra a vacinação por ela ser antinatural. “Se Deus tivesse decretado a toda eternidade que determinada pessoa devesse morrer pela varíola, seria um pecado terrível anular este decreto divino pela vacinação” (Wikipedia).

J.-Y. Goffi⁶, frente à multiplicação das perspectivas médicas (preventiva, curativa, reformadora, melhoradora), conclui que o conceito da medicina não é suficiente para constituir uma bioética. A bioética será sempre uma construção discutida e retocável: se a ciência de toda época é tributária dos instrumentos do saber da época, a bioética, por sua vez, sem nunca ser única e universal, é tributária da ciência e das culturas da época. Cada sociedade tem a bioética que merece ou lhe convém. Em matéria de esporte, sempre se pergunta se existem, para cada especialidade, limites ao aperfeiçoamento dos desempenhos e dos recordes. Quais são os limites das funções humanas? Mudando o próprio ser humano, corpo ou mente, corpo e mente, mudamos ou podemos mudar esses limites, mas aí intervém a moral através de bioética. Nesse ponto, pensadores como Andy Miah⁷, Cláudio Tamburrini⁸, Alex Mauron⁹, contestam a relevância das concepções éticas conservadoras, notadamente aquelas que fundamentam a atual política antidoping.

DO ENHANCEMENT À ANTROPOTECNOLOGIA

Alguns pensadores vão além no utopismo tecnocientífico, imaginando um novo tipo de ser humano, supostamente melhorado, com uma providenciada existência quase paradisíaca. Entre os seguidores de tal maravilha aparecem os nomes de Nick Bostrom, diretor do “Future of Humanity Institute”¹⁰, de Julian Savulescu (Oxford)¹¹, de James Hughes¹² e de franceses geralmente mais mo-

derados: J. Goffette¹³, J. M. Besnier¹⁴, D. Lecourt¹⁵, B. Baertschi¹⁶. Para eles, deve nascer um novo Humanismo das Luzes, servido pelas futuras tecnologias, manipuladoras de DNA, de fisiologia cerebral, de nanotecnologias intracorpóreas. É provável que os primeiros ensaios se choquem com decepções e violentas críticas. Na realidade, é difícil imaginar fronteiras do pós-humano.

Ciência-ficção e projetos imaginativos tentam alargar seu espaço na reflexão universitária para tentar investidores ricos e fascinados; são próximos das antecipações de Jules Verne que parecem contos para crianças, mas vários de seus romances de aventuras, como “Cinco semanas em balão” (de 1862), foram proféticos, como outras ousadias no meio aéreo ou submarino. O risco de brincar com o corpo humano, porém, não vai sem perigo. De qualquer maneira, a antropotecnologia já nasceu. As fronteiras tradicionais da medicina já foram superadas, notadamente com os transplantes. A intervenção sobre o composto humano prossegue e por vezes dá para sonhar, como ocorre com J. Harris, que escreve: “Não seria maravilhoso se nós, seres humanos, pudéssemos prolongar mais tempo uma vida mais sadia, protegidos de muitas doenças não raras entre nós, como o câncer ou a Aids? Não seria ainda mais maravilhoso desenvolver nossas faculdades mentais: mais memória, melhor concentração, faculdade mais acertada de raciocínio? Ou desenvolver crescidas faculdades físicas, com mais poder, maior energia, mais velocidade de reação, etc.”¹⁷.

Resta saber se tais progressos são compatíveis, se a maioria da humanidade poderia suportá-los, se isso não suscitaria categorias especiais de privilegiados individuais ou de sociedades. Em que medida uma opção pessoal, familiar ou social seria possível, desenvolvendo e não restringindo a liberdade?

Avanços médico-farmacêuticos foram realizados em proveito de nosso conforto psico-físico, mas não sem perigos. A ritalina, uma anfetamina fornecida a crianças sofrendo perturbações da atenção, está sendo usada também para melhorar funções cognitivas de jovens sadios; esse e outros produtos servem, por vezes, além de suas especificações normais, ou abusadas, como o prozac, o viagra, o DHEA. Como resistir ao uso *off label* de estimulantes antes de exames? O provigil trata normalmente a narcolepsia, mas permite a qualquer um prolongar seu tempo de vigília, não sem inconveniente. Apesar de severas regulamentações e controles, o doping invade quase todos os

esportes com produtos cada vez mais difíceis de discernir no corpo, sangue ou urina; apesar das provas dos malefícios da maconha, a erva, sua liberação, está sendo discutida. Os liberais anglo-americanos são pioneiros; todos não são tão tolerantes quanto J. Glover¹⁸, nem fatalistas quanto G. Stock¹⁹, mas o Enhancement ganha terreno, como mostrou N. Agar²⁰.

Entretanto, a maioria dos cientistas testemunhou abuso ético, desde a fase de pesquisa: nos Estados Unidos, 64% presenciaram falsificação de dados, plágios, erros reconhecidos e não corrigidos, segundo Gerald Koocher²¹. Os setores ou pontos que resistem ao progresso ficam numerosos ou registram difíceis avanços, como a infecção hospitalar, a falsificação de medicamentos, a força financeira e política do lobby do amianto num país como o Brasil e os erros médicos: (em 1999, o Instituto de Medicina americano publicou um relatório intitulado “Errare medicum est”)²². Além disso, ocorre frequente injustiça: “No Brasil, a judicialização garante a poucos, aos que têm acesso mais fácil ao Judiciário, ‘benefícios que o Estado não pode dar a toda a população’”, conclui L. Motta Ferraz (Universidade de Warwick, Reino Unido)²³. Sobre a trissomia, temos apenas esperanças, repara J.-M. Le Méné²⁴.

O ENHANCEMENT NA ÁREA DO ESPORTE DE ALTO NÍVEL

Entre as técnicas recentes de promoção esportiva, Andy Miah²⁵ (da *World University of the West of Scotland*) forneceu, com ampla documentação, uma reflexão em torno da *World Anti-Doping Agency*, que proibiu, em 2003, o *gene doping*. Empregam-se hoje novas maneiras para dopar, recarregando as células vermelhas (hemácias) do próprio sangue do esportista, ora por meio de uma tomada de sangue, seguida de sua reinserção, uma vez reforçado, ora pela passagem do esportista numa câmara de ionização (*hypoxic chamber*), que, para muitos, desafia “o espírito esportivo”. “A ciência da *hypoxia* envolve mutações na pressão do oxigênio do ambiente, suscitando uma elevação do nível de glóbulos vermelhos no sangue”²⁵.

Essa matéria suscita controvérsias, notadamente para decidir se seu uso se opõe às normas da WADA (*World Anti-Doping Agency*). Numa decisão de 2006, esse uso parece legítimo, ainda que exija menos esforço de treinamento do esportista, apesar de que a transferência de genes esteja amplamente proibida, porque envolve um

reforço artificial da resistência da massa muscular e modifica fatores concernentes as IGF, PGC, o recombinante EPO e o gene ACE.

“A construção esportiva de si-mesmo, em particular no esporte de alto nível, está afim com o extremo e o excesso, implica a mediação da dor, em vista de um prazer obtido após ou apesar da dor”, observa Isabelle Quéval²⁷. A porta está aberta ao doping, sem descartar a priori o doping genético ou a implementação de próteses nano-operadoras. Andy Miah evocou a eventual fabricação de um robô competidor do ser humano, na fabricação ou no esporte, munido com inteligência artificial e computadores informáticos adequados para processar diversas funções²⁸.

Nas batalhas da bioética esportiva, Alex Mauron “acha que os moralistas conservadores e naturalistas perderam a jogada, não apenas nos fatos, mas também no terreno da argumentação filosófica”²⁹. Sua argumentação, não unânime, segue as considerações de Ruwen Ogien³⁰, que propõe definir o campo da moral de maneira mais restrita que a habitual. O princípio-chave que ele promove, no seguimento de Mill, “é o princípio de evitar todo prejuízo para outro”; “a relação consigo mesmo é (disse Ogien) moralmente indiferente”. Esta não é a posição da Igreja católica. Em matéria de saúde, argumentam os liberais como Ogien e Mauron, as fronteiras entre o normal e o patológico não são claras. Sabemos que a divergência básica opõe Christopher Boorse³⁰ e outros, que definem a saúde e a doença em relação ao funcionamento julgado normal ou objetivo, típico de nossa espécie, e os autores que interpretam a saúde e a doença com critérios normativos; a diferença é sutil.

Outra questão leva sobre prejuízos autoefetivos com a colaboração de outra pessoa. Em geral, a (pseudo) vítima é quem pediu a intervenção do agente para mutilação ou morte (em particular são visados agentes da saúde). Trata-se, notadamente, de testes genéticos de geradores problemáticos, um deles sendo portador de um gene defeituoso, assunto disputado em bioética, como em legislações ou jurisprudências.

CONCLUSÃO

Um Colóquio reuniu, em maio de 2008, na Universidade Livre de Bruxelas, em torno do tema do *Enhancement*, bioeticistas como Hottois, Klein, Goffette e Allouche³¹.

No dualismo primordial que opõe na bioética as éticas inspiradas pela transcendência religiosa, praticamente pela fé numa determinada religião, e as bioéticas totalmente secularizadas, mesmo assim, respeitam a “dignidade humana” como uma sacralização transcendente do próprio ser humano, a evolução presente reforça o secularismo ético, estimulando o individualismo, o materialismo, o hedonismo e o imediatismo do consumo, com extensão do tipo clânico. Sem aderir a uma formação eclesial, Einstein acreditava na existência de um Ser transcendente que significa para muitos o Absoluto que ultrapassa nosso entendimento, uma espécie de divindade monoteísta à qual Platão, Sócrates e Aristóteles aspiraram e ao qual o judaísmo aderiu. A redução do ser humano a seu corpo e às suas funções domina, em geral, a bioética, impossibilitando uma unanimidade nas questões mais delicadas; as ciências obtêm mais facilmente certa unanimidade, mesmo se se percebem provisórias, porque seus campos de procura são sempre metodicamente limitados. O resto é especulação filosófica, ideológica ou opção religiosa. “O corpo sendo um dado natural, irreduzível, nele se combatem a natureza, como a fatalidade”³². Por seu lado, Hottois não julga sustentável renunciar aos riscos e às esperanças que dizem respeito ao futuro³³.

Como julgar ética ou teologicamente estes procedimentos, discretamente chamados em francês “medicina de melhoria”? Seria abusivo pretender que nesses esforços o homem assume irresponsavelmente o papel do Criador. Em Gen. I, 27-28, lemos que “Deus criou o ser humano à sua imagem (...) E Deus disse ao homem e à mulher: Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a.

Dominai sobre (...)”. A reconstrução ou substituição de um órgão lesado ou faltoso pode legitimamente ser providenciado, como o original (ou melhor?).

O contexto do *enhancement* remete também à finalidade do ser humano: apenas terrestre ou visando a um além-morte? Quais são os limites da nossa liberdade? Haveria limites na procura do melhor-estar individual ou coletivo? Na procura da felicidade? No progresso tecnológico carregado de novos poderes? Inevitavelmente, tal medicina será seletiva em todas suas inovações, portanto agravando as desigualdades. Pressentimos nisso o mito do roubo do fogo, do simbolismo de Sísifo, castigo da *hybris*. Ou podemos seguir o convite mais radical e otimista do filósofo Maurice Bellet que declarou: “É preciso mudar tudo; mas mudar tudo não é destruir, é salvar tudo”³⁴. Assim seguiu o filósofo Ernst Bloch, famoso por ter lançado “O Princípio Esperança” de maneira totalmente secular, e o escritor mais crente Jean Claude Guillebaud³⁵, que proclamou a necessidade de

inventar utopias (...) O homem só sabe viver e pensar adiante de si mesmo. Uma secreta e precisa inquietude o desaloja sem parar do presente. Aí está sua dignidade; se não ele arrisca se dissolver na passividade e na capitulação. A consciência humana toma a iniciativa de apressar o que espera, de o fazer acontecer pelo seu trabalho e sua perseverança.

O homem navega à vista entre os pesadelos do destino e a *hybris* de Dionísio, no abandono da moderação de Apolo. “Que serviria o levantar do sol se nós não nos levantarmos?”³¹, suspira Georg C. Lichtenberg³⁶.

REFERÊNCIAS

1. Boorse C. A rebuttal on health, em J. M. Humber, What is disease? Totowa: Human Press; 1997.
2. Canguilhem G. Le normal et le pathologique. Paris: PUF; 1975.
3. Fukuyama F. Our posthuman future: consequences of the biotechnology revolution: New York: Farr Strauss and Giroux; 2002.
4. Kass L. The end of medicine and the pursuit of health. Toward a more natural science. Biology and human affairs. New York: The free press; 1985.
5. Daniels N. Just health care. Just health care. Cambridge University Press; 1985.
6. Goffi J-Y. Thérapie, augmentation et finalité de la médecine. In: Missa JN, Perbal L. Ethique et philosophie de la médecine d'amélioration. Paris: Vrin; 2009.
7. Miah A. Human enhancement in performative cultures. In: Missa JN, Perbal L. Enhancement, éthique et philosophie d'amélioration. Paris: Vrin; 2009.
8. Tamburrini C. Le sport et la nouvelle génétique, em Missa e Perbal. Paris: Vrin; 2009. p. 193-202.

9. Mauron A. Homo faber sui, em Missa e Perbal. Paris: Vrin; 2009. p. 203-20.
10. Bostrom N. Letter from Utopia. A history of transhumanist thought. Available from: www.nickbostrom.com
11. Savulescu J, et al. Human enhancement. Oxford University Press; 2009.
12. Hugues J. Citizen Cyborg, Cambridge: Westview Press; 2004.
13. Goffette J. Naissance de l'anthropotechnie. De la médecine au modelage de l'humain. Paris; 2006.
14. Besnier J-M. Demain les posthumains. Paris: Hachette; 2009.
15. Lecourt D. Humain, posthumain. Paris: PUF; 2003.
16. Baertschi B. La neuréthique. Ce que les neurosciences font à nos conceptions morales. Paris: La découverte; 2009.
17. Harris J. Enhancing evolution. Princeton University Press; 1997.
18. Glover J. What sort of people should there be? Londres: Pelican; 1984.
19. Stock G. Redesigning humans: Our inevitable genetic future. Houghton Mifflin Company; 2002.
20. Agar N. Liberal eugenics. In defense of human enhancement. Blackwell; 2004.
21. Koocher G, Keith-Spiegel. Nature. [199-];466:439.
22. Institute of Medicine. To err is human: Building a safer health system; Washington DC; 1999.
23. Folha de S. Paulo, 24-07-2010, C1.
24. Le Méné, Trisomie: les voies de l'espoir. Paris: Valeurs actuelles; 2009. p. 30.
25. Miah A. Human. Enhancement in performatives cultures. Em Missa e Perbal. Paris: Vrin; 2009. p. 171-92.
26. Quéval I. Le corps rationnel du sport de haut niveau: ambivalence du dépassement de soi. In: Missa JN, Perbal L. Ethique et philosophie de la médecine d'amélioration. Paris: Vrin; 2009. p. 159-70.
27. Miah A. The engineered athlete. Culture, Sport, Society. 2000;33:25-40.
28. Mauron A. Homo faber sui. In: Missa JN, Perbal L. Ethique et philosophie de la médecine d'amélioration. Paris: Vrin; 2009. p. 171-92.
29. Ogien R. L'éthique d'aujourd'hui. Paris: Gallimard; 2007.
30. Boorse C. Medicine and moral philosophy. USA: Princeton University Press; 1981.
31. Besnier JM. Demain les posthumains. Paris: Hachette; 2008.
32. Quéval I. Le corps rationnel du sport de haut niveau. In: Missa JN, Perbal L. Ethique et philosophie de la médecine d'amélioration. Paris: Vrin; 2009. p. 159-70.
33. Hotois G. Science-fiction et diète de l'imagination philosophique. In: Missa JN, Perbal L. Ethique et philosophie de la médecine d'amélioration. Paris: Vrin; 2009. p. 19-40.
34. Bellet M. La longue veille. Paris: Desclée de Brouwer; 2002. p. 256.
35. Guillebaud J-C. Le goût de l'avenir. Paris: Seuil; 2003. p. 367.
36. Lichtenberg G. Le miroir de l'âme. Paris: Corti; 1997.

Recebido em: 28 de abril de 2010.
Aprovado em: 25 de maio de 2010.